

É inegável, todavia, a relevância do artigo desse importante autor no cenário das pesquisas em psicoterapia psicanalítica para o debate sobre que rumo tomar na pesquisa em psicanálise, dando relevo à discussão metodológica e suas consequências.

Turner, Mark A. "Psychiatry and the human sciences"

British Journal of Psychiatry, 182: 472-4, 2003.

Resenhado por: Silvia Inglese Ribes

Psiquiatria e as ciências humanas

Mark Turner inicia o editorial do *British Journal of Psychiatry* de junho de 2003 com uma citação de K. Jaspers que transcrevo a seguir: "Quando o objeto estudado é o Homem e não o homem como espécie animal, nós entendemos que a psicopatologia se torna não só um tipo de biologia, mas também como uma das Humanidades".

Essa citação exprime de forma concisa o trabalho desenvolvido por Jaspers na sua *Psicopatologia geral* publicada em 1913. Ele colocou a psiquiatria, que na época era eminentemente biológica, em relação com as assim chamadas ciências do espírito. Introduziu então a noção de compreensibilidade, tributária, sobretudo, do pensamento de M. Weber e Dilthey. Dessa forma Jasper relativizava o papel da biologia na psiquiatria e incluía o ponto de vista das ciências humanas.

Turner concebe o editorial em questão a partir de dois outros editoriais também publicados pelo *British Journal of Psychiatry*. Aquele escrito por Kendell em junho de 2001 intitulado "The distinction between mental and physical illness" e o de autoria de Andrew Cheng publicado em julho do mesmo ano, "Case definition and culture: are people all the same?".

O editorial de Kendell defende a idéia de que não há fundamentos na medicina atual para a distinção entre doença mental e doença física, seja no que se refere à etiologia ou à sintomatologia. A única diferença que se poderia conceber entre doença física e mental seria quantitativa e não qualitativa, não sendo essa diferença mais profunda que aquela existente entre as doenças do sistema circulatório e digestivo, por exemplo.

Cheng, por sua vez, argumenta no sentido de que a variação cultural das doenças mentais está muito mais na sua apresentação, na patoplastia, do que na natureza e frequência do comprometimento neuropsiquiátrico subjacente.

Kendell e Cheng não dizem exatamente a mesma coisa, como afirma Turner, mas defendem a mesma visão da psiquiatria, uma psiquiatria científica cuja validade é colocada por ele em questão.

Turner, lembrando de certa maneira o percurso de Jaspers, apresenta um ponto de vista alternativo à concepção de Kendell e Cheng. Toma como base o conhecimento da hermenêutica, sobretudo aquele contido nas obras de Dilthey, Gadamer e Davidson. No editorial em questão, o autor argumenta a favor da necessária distinção entre doença mental e doença física a fim de que a vida mental não se reduza à biologia. Depois explica por que a afirmação de que doença mental é a mesma em todas as culturas, é um pressuposto e não um achado empírico.

Tanto Jaspers quanto Turner questionam a tendência hegemônica do pensamento biológico na psiquiatria. O que está em jogo nesses editoriais é o lugar a ser ocupado pelo estudo da subjetividade. Como a apreensão do psíquico é indireta, seu estudo não pode se valer da mesma metodologia utilizada pelas ciências da natureza, que contam com a demonstração direta do fenômeno objetivo. O estudo da subjetividade requer então uma maneira própria de abordagem, independente e qualitativamente diferente daquela utilizada pelas ciências naturais.

É interessante notar que após toda a influência exercida pela psicanálise e passado quase um século das publicações de Jaspers, ainda é preciso chamar a atenção para o risco de a psiquiatria ser reduzida à pesquisa biológica. Nesse sentido, Strauss, num artigo publicado em 1996, faz um apelo para que alterações metodológicas e conceituais sejam feitas a fim de se apreender a subjetividade, o que poderia até incluir a forma como os trabalhos científicos são escritos e avaliados. Mas o que não se poderia mais admitir seria a subjetividade ser reduzida, como se no leito de Procrusto, a essas experiências mentais analisadas em fragmentos e rapidamente classificadas em escalas confiáveis.

Referências

- CHENG, Andrew T.A. Case definition and culture: are people all the same?. *British Journal of Psychiatry*, n. 179, p. 1-3, 2001.
- KENDELL, R.E. The distinction between mental and physical illness. *British Journal of Psychiatry*, n. 178, p. 490-3, 2001.
- STRAUSS, J.S. Subjectivity. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, n. 184, p. 205-12, 1996.

Rev. Latinoam. Psicop. Fund. VII, 2, 193-196

Autores deste número

TEREZINHA BELMONTE

Professora Adjunta da Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO, mestre em Medicina e membro da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

MARIA CAROLINA CIOTOLA BRUNO

Psicóloga, pesquisadora do Laboratório de Psicopatologia Fundamental – FCM/Unicamp.
Rua Cel. João Cursino, 158 – Vila Adyanna
12243-060 São José dos Campos, SP
e-mail: carolciotola@uol.com.br

VERA LÚCIA COLUCCI

Psicóloga, doutoranda em Linguística, IEL-Unicamp, pesquisadora do Laboratório de Psicopatologia Fundamental, FCM/Unicamp, e do Grupo de Pesquisa SemaSoma, IEL – Unicamp.
Rua Presidente Wenceslau, 1001
13090-510 Campinas, SP
Fone: (19) 3241-6018 / 3151-2258
e-mail: vcolucci@lexxa.com.br

PAULO DALGALARRONDO

Psiquiatra, livre-docente do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da FCM UNICAMP, atual chefe deste departamento e coordenador de seu Laboratório de Saúde Mental e Cultura.
Rua Frei Manuel da Ressurreição, 1156
13073-021 Campinas, SP
e-mail: pdalga@fcm.unicamp.br